

# A Nota de mil marcos

HEINRICH SEIDEL

Traduzido do alemão por Lauro Justus

## VIDA IDÍLICA

Desta vez, eu desejava mesmo descansar. Escolhi um pequeno lugarejo marítimo no Mecklenburgo, daqueles lugares ainda desconhecidos e pouco procurados por turistas. Quasi o único veranista, além de mim, era um botânico de Greifswald, na Pomerânia; passava o dia inteiro acocorado em um extenso pântano vizinho que, no seu conceito, era extraordinariamente interessante. Era sempre visto com alguma planta nas mãos e, si falava com alguém, enchia-o logo de sonantes expressões latinas, como Utricularia ou Osmunda regalis, e outras designações bombásticas de plantas. Além dêsse, veraneavam na aldeia alguns funcionários e professores de pequenas cidades vizinhas, que haviam alugado alojamentos em moradias de lavradores, para usufruir, pelo mais barato, o ar do campo e banhos de mar. Com mais cultura, lembro-me apenas de uma senhora moça, de idade indeterminada, que vagueava por todos os lugares com um caderno de esboços e desenhava velhas árvores nodosas, fornos domésticos, cercas apodrecidas, chiqueiros e motivos semelhantes. Considere-se o fato inacreditável de não existir, em toda a região, nenhum piano e ver-se-á que eu era mesmo digno de inveja, pela feliz escolha do local de minhas férias.

Morava em casa do estalajadeiro Krischan Boss e tinha um quarrtinho atrás, aberto para um campo florido de batatas, que se cobria mais e mais de estrelinhas brancas e violetas. Não conheço nenhum panorama mais apropriado a serenar o espírito do que este; uma utilidade à beleza e, todas as manhãs, após sorver o café, eu deixava que ele influísse em minha alma e era com ela rejuvenescida que inicia então o meu trabalho.

## FELICIDADE PERDIDA

Minha paz foi, porém, perturbada e o foi pelo desprezível Mammon, o velho pai das desgraças. Havia combinado com Krischan Boss pagá-lo a cada semana, a fim de evitar desagradáveis enganos. Quando transcorreu a primeira, lembrei-me que, além de uma nota de mil marcos por mim retirada do banco no dia da minha partida, nada mais possuía senão alguns pfennigs. Hoje não me resta mais do que rir de minha ingenuidade, para não empregar a palavra mais expressiva, tolice, com que perguntei ao estalajadeiro si ele podia trocar uma nota de mil marcos.

Olhou-me por uns instantes bestificado, e então disse: "Mostre-me a nota; nunca vi uma coisa dessas." Ele examinou a nota cuidadosamente, e, nas duas faces, segurou-a com os braços estendidos e disse, num tom em que se misturavam o desprezo e a admiração: "Este pedaço de papel vale então mil marcos? É impossível!" Em seguida, chamou alto: "Mulher, venha uma vez aqui, venha só ver!" A mulher contemplou admirada a maravilha de papel, e o fez com evidente desconfiança. "Existem dessas coisas?" perguntou. Quanto ao trôco, nada feito. "Isso eu não posso e ninguém em toda essa região. Quem já conseguiu reunir tanto dinheiro! Possivelmente, o senhor poderá trocá-lo em Rostock, onde existem grandes negociantes, mas aqui, não!"

Eu não podia, pois, pagar a minha conta e, muito peior ainda, era olhado com suspeita. Amaldiçoei a minha tolice em não ter trazido dinheiro miúdo e sim, num momento impensado, apenas essa nota inútil. Com tal importância no bolso, estava na iminência de ter que mendigar, ou morrer de fome; afóra ela, eu tinha apenas nove pfennigs, com o que não compraria nem sequer um copo de cerveja. Completamente esmagado, encaminhei-me ao bosque e, enquanto vagueava solitário entre os pinheiros, veio-me à consciência o ridículo e o lamentável de minha situação e eu não pude deixar de me afligir. Logo após, encontrei o botânico, que, de tanta felicidade, tinha a cabeça completamente vermelha. Havia, pela primeira vez em sua vida, encontrado uma variedade branca da centaurea e o seu coração exultava. "Isto é tudo muito interessante", disse-lhe eu, "mas mil marcos trocados no bolso me agradariam muito mais; o senhor poderá, talvez, trocá-los?" Ele me olhou com tal perplexidade que eu tive que rir e continuei o meu caminho. Ao crepúsculo, regresssei à aldeia e notei que todos me olhavam com extraneza; depois que eu passava, reuniam-se a comentar. Mesmo na estalagem, onde eu residia, reinava um ambiente sombrio. Todos falavam em monossilabos, e enquanto eu ingeria o meu jantar, Krischan Boss lia o seu jornal e, de vez em quando, me lançava olhares inquisidores. Recolhi-me cedo e meditei sobre as circunstâncias. Obviamente, ninguém confiava e mim e em minha nota de mil marcos. O que fazer, para arranjar dinheiro? Só me restava ir a Rostock para trocar a nota, mas deixar-me-iam partir? Isso era o que eu duvidava. Não havia outra alternativa senão fugir às escondidas, de manhãzinha.

## A FUGA

Tendo tomado essa decisão, deitei-me vestido, mas não pude dormir, escutando os rumores da noite e ponderando sobre a minha desconcertante situação. Apenas raiou a manhã, pulei de mansinho a janela, arrastei-me pelo batatal em flôr, saltei a cerca e alguns minutos depois encontrava-me no bosque. A cidade de Rostock situava-se a uma distância de 5 milhas; eu poderia ainda alcançá-la antes das doze horas, caso não me extraviasse ou perdesse tempo. Caminhava às pressas, enquanto o dia clareava mais e mais e as vozes da floresta acordavam; para o magnífico espetáculo, entretanto, agora que os primeiros raios de sol iluminavam as copas das árvores, eu não tinha olhos. Para mim, o que importava era atingir a estrada Ribnitz-Rostock; estaria, então, certo de não me perder, e quando chegasse a Rostock, toda a minha aflição teria um fim.

Pelos meus documentos, identifiquei-me; lá estaria num centro de cultura, onde existiam bancos, e eu trocaria a minha nota de mil marcos, completamente inútil até então, e transformá-la-ia em toda sorte de objetos. A floresta, entretanto, parecia não querer terminar. Eu havia, finalmente, atingido o longo atalho que ia dar exatamente na estalagem "A cidade de Rostock"; e esta se situava inatingível à minha frente, como em um caminho na eternidade. Não tinha dormido durante a noite, e de manhã nada comi; então veio a fome, pois o que se perde em sono deve-se recuperar em alimento. Mas, talvez a floresta me oferecesse alguma coisa; numa clareira, achei amoras, em quantidade suficiente para exacerbar ainda mais a minha fome. Descobri, então, um ninho de coturnegras com filhotes; os pais, cada um com uma larva no bico, saltitavam aflitos na vizinhança. "Venturoso bichinho", pensei, "que tens a mesa sempre posta, não possuindo, embora, nenhum vintem, e, quando te agrada, vãos tranquilamente para as regiões da linda Itália, e mais longe ainda. Eu, pobre vítima da cultura, preciso passar fome, tendo meios para saciar mil pessoas".

## PRIVAÇÕES

Tirei a minha nota do bolso e contemplei-a com desprezo: "Farrapo de papel!" exclamei. Amarrotei-a, então, num acesso de raiva e atirei-a ao chão. Quando eu havia, assim, dado vazão ao meu impulso, procurei outra vez a nota com sofrimento e guardei-a em meu bolso secreto, após havê-la alisado cuidadosamente. Aconteceu-me como a Robinson Crusoe, quando ele achou em sua ilha deserta uma pepita de ouro, que de nada lhe poderia servir. Na estrada para Rostock, que em breve alcançaria, se situavam as mais agradáveis estalagens, as quais, entretanto, nada poderiam me oferecer, pois por nove pfennigs só poderia comprar algumas doses de cachaça. Deveria estender a mão nas casas dos lavradores, como um mendigo? Nunca, antes passar fome e sede. Eu já imaginava quando achassem o meu cadáver na estrada e podia ler claramente a notícia sobre este triste acontecimento: "Trabalhadores encontraram ontem cedo, na estrada, o cadáver de um homem decentemente trajado, com cerca de 30 anos. A autópsia revelou como "causa-mortis" consumpção pela fome, o que é tanto mais extranhável quanto foram encontradas em suas roupas uma nota de mil marcos e nove pfennigs em moedas." Finalmente cheguei à estalagem "A cidade de Rostock", que se localizava à saída do bosque. Dela exalava um suave odor de alguma coisa assada. Para frente! Para frente!

Agora eu tinha ainda 2 milhas até Rostock e o sol de Julho ardia impiedoso. A fome juntou-se a sede, mas o que adiantava reclamar? Sempre para a frente! Nunca em minha vida seduziu-me com tão belas cores a felicidade idílica de entrar em uma estalagem. Eu via diante de mim com o seu presunto do Mecklenburgo, a brôa cheirosa, a manteiga fresca, e, para completar, um espumante copo de cerveja. Ou então ovos fritos com toucinho, atraentes, dourados, a se derramarem pela borda do prato. Ah! Andei mais de uma hora, ainda, e passei pela estalagem "A cidade de Ribnitz" com o coração oprimido, quando por acaso olhei para traz e vi um cavaleiro que galopava em minha direção. Estaria me perseguindo? Era possível e mesmo provável. Fugir era coisa que nem se cogitava e nada mais me restava senão continuar a marcha, com a emoção de um coelho que, oculto num buraco, as orelhas em pé, escuta o seu perseguidor se aproximar. Balançava desconsolado a minha capa e comecei, aflito, a assobiar uma melodia serena. Ouvia, cada vez mais próximo, o ruído dos cascos na estrada, depois o arfar do cavalo, em seguida, um tinido como o de um sabre, — e, repentinamente, passou por mim um inofensivo cavaleiro, deixando, após si, uma nuvem de poeira. Desapareceu, e desaparecida também estava a opressão de meu coração.

## O FINAL

Finalmente cheguei a Rostock, após uma viagem de 8 horas, antes ainda do que havia esperado. Perguntei a um cidadão aonde existia um banco. "Vá à casa do sr. Lesenberg", informou-me e descreveu-me a casa. Mas eu estava atemorizado, e subia e descia em frente à casa, sem ânimo para entrar; os acontecimentos haviam me impressionado profundamente e eu não esperava outra coisa senão novas complicações. Tinha a impressão de que ninguém no mundo poderia me ajudar. Reuni, entretanto, todas as sobras de coragem e entrei decidido no escritório. Atendeu-me um moço. "O senhor poderá, talvez, trocar-me uma nota de mil francos?" perguntei, sem tremer a voz, e depusitei a nota no guichê. Tinha o pressentimento exato de que ele daria de ombros e diria, apenas: "sim, muito". O rapaz olhou de relance a nota, pendeu-a, e entregou-me dois rônos de moedas, de minhetos marcos cada um. Apanhei-os, disse um "muito obrigado" e despedi-me com uma indescritível sensação de alívio. Toda a história não durou mais que meio minuto. Que luz rósea brilhava outra vez em todas as coisas deste mundo, e com que leveza de passos apressei-me a esquecer todos os meus cuidados em frente a um belo almoço! No mesmo dia, tomei uma diligência e regresssei como um triunfador, ao som das buzinas, para grande admiração dos habitantes de Dannenhagen, a minha aldeia de veraneio.

Desde êsse tempo, chamam-se os seus moradores de "o rico berlinense", ainda que eu, por desgraça, não mereça em absoluto o qualificativo. A minha lembrança vive até hoje em Dannenhagen; sim, um amigo que lá esteve, 14 anos após os eventos relatados, contou-me existir uma verdadeira legenda sobre a minha pessoa e a minha descomunal riqueza. Tu, tempo querido, eu desejaria apenas que eles tivessem razão!